

## **VERSTEHEN E ERKLÄREN: SOBRE A DISTINÇÃO ENTRE COMPREENSÃO E EXPLICAÇÃO\***

### **VERSTEHEN AND ERKLÄREN: ON THE DISTINCTION BETWEEN UNDERSTANDING AND EXPLANATION**

Lucas Dagostini Gardelin\*\*

#### **RESUMO**

O meu objetivo com este artigo é contribuir para a discussão da polêmica científico-filosófica envolvendo os famosos conceitos de compreensão (*verstehen*) e explicação (*erklären*). Para isso, divido minha investigação em três seções. Primeiramente, abordo o contexto de surgimento da polêmica e analiso, em especial, as contribuições de Wilhelm Dilthey, responsável por definir as linhas filosóficas gerais da *verstehen*. Na segunda, mobilizo a reação filosófica à compreensão, especialmente a inspirada pelo empirismo lógico e, dentro desta corrente, pelo pensamento de Carl Hempel. Busco oferecer na terceira e última seção um breve quadro do estado da discussão, que segue, mesmo hoje, viva. A sua presença sinaliza, acima de tudo, um persistente interesse a respeito da existência ou não de particularidades das ciências, especialmente as humanas e naturais, e de suas estruturas metodológicas. Compreender e explicar, portanto, foram sempre concebidas em termos de oposição – juízo sumário que, no entanto, como tentei timidamente assinalar ao final, já não mais colhe louvores unilaterais.

**PALAVRAS-CHAVE:** compreensão; explicação; filosofia; ciência; filosofia da ciência.

#### **ABSTRACT**

My aim with this paper is to contribute to the discussion of the scientific-philosophical controversy involving the famous concepts of understanding (*verstehen*) and explanation (*erklären*). To this end, I divide my investigation into three sections. First, I address the context of the emergence of the controversy and analyze, in particular, the contributions of Wilhelm Dilthey, responsible for defining the general philosophical lines of understanding. Second, I mobilize the philosophical reaction to understanding, especially that inspired by logical empiricism and, within this current, by the thought of Carl Hempel. In the third and final section I seek to offer a brief picture of the state of the discussion, which remains, even today, still alive. Its presence signals, above all, a persistent interest in the existence or not of particularities in the sciences, especially the human and natural sciences, and its methodological structures. Understanding and explaining, therefore, have always been conceived in terms of opposition - a summary judgment that, however, as I timidly tried to point out at the end, no longer garners unilateral praise.

**KEYWORDS:** understanding; explanation; philosophy; science; philosophy of science.

---

\* Artigo recebido em 03/04/2024 e aprovado para publicação em 20/06/2024.

\*\* Mestre em Direito Ambiental pela Universidade de Caxias do Sul - (PPGDir-UCS). Graduando em Filosofia e graduado em direito pela mesma Universidade. E-mail: [ldgardelin@ucs.br](mailto:ldgardelin@ucs.br).

## INTRODUÇÃO

As investigações aqui esboçadas tentam articular uma resposta à seguinte questão: há uma *differentia specifica* entre compreender e explicar? Em caso afirmativo, como dimensionar o posicionamento próprio diante da(s) ciência(s) e seus métodos – resolução unitária e indiferenciada ou reconhecimento de um mutualismo (quicá pluralismo?) bem-vindo e benquisto? O tema carrega premências contemporâneas, muito embora suas origens apontem horizontes ligeiramente longínquos. Daí a fecundidade heurística de um pequeno esforço de reconstrução histórica. Espero não incorrer em pendores *unilateralmente* antiquaristas ao fazê-lo. Ainda que as raízes de tal discussão possam, ao menos no que diz respeito ao par *compreensão-explicação* (*Verstehen-Erklären*), seguramente remontar aos ápices do século XIX (especialmente em suas ramificações alemã, francesa e inglesa) e sua vitalidade se faça claramente sentir até a metade do século XX, trata-se de uma controvérsia que, de um modo ou de outro, implícita ou explicitamente, segue promovendo reinícios, retomadas e redistribuições<sup>1</sup>.

Qual a importância de *compreender* a compreensão – e, por consequência, qual a utilidade de um estudo a seu respeito? Pelo menos três razões poderiam ser mobilizadas. Elas

---

<sup>1</sup> É o que bem explica Uljana Feest: “A dicotomia conceitual de *Erklären* e *Verstehen* (explicar vs. compreender) tem um status duplo revelador. Por um lado, ela tem um ar antiquado, pois associamos vagamente suas origens ao trabalho de Wilhelm Dilthey e de outros filósofos alemães do século XIX que não são mais muito lidos, pelo menos não na história e na filosofia anglo-americana contemporânea das ciências humanas. Ao mesmo tempo, porém, resquícios da dicotomia ainda aparecem sob várias formas e em várias áreas da filosofia contemporânea e da filosofia da ciência. Um exemplo é o debate de longa data sobre o status lógico das explicações de ação (‘razões vs. Causas’) na filosofia da mente (Davidson, 1980) e as questões associadas de ‘explicações teleológicas’ e o status explicativo das leis da natureza na filosofia das ciências humanas (Dray, 1957; Hempel, 1965; von Wright, 1971). Outra é a questão de saber se o assunto das ciências sociais exige um tipo especial de ‘acesso’ interpretativo, hermenêutico ou talvez até mesmo empático (Collingwood, 1946; Winch, 1964; Taylor, 1985). Mais recentemente, houve um interesse renovado na questão de como explicar nossa capacidade de interpretar as ações de outra pessoa (veja a sugestão recente de que a distinção ‘teoria-teoria’ vs. ‘teoria de simulação’ é semelhante a alguns aspectos da distinção *Erklären/Verstehen*) (Kögler; Stueber, 2000)” (Feest, 2010, p. 1, tradução nossa). No trecho original em inglês: “The conceptual dichotomy of *Erklären* and *Verstehen* (explaining vs. understanding) has a revealing dual status. On the one hand, it has something of an antiquated air to it, as we loosely associate its origins with the work of Wilhelm Dilthey and other nineteenth-century German philosophers who are not widely read any more, at least not within contemporary Anglo-American history and philosophy of the human sciences. At the same time, however, remnants of the dichotomy still come up in various guises and in various areas of contemporary philosophy and philosophy of science. One example is the long-standing debate over the logical status of action explanations (‘reasons vs. causes’) in philosophy of mind (Davidson, 1980), and associated issues of ‘teleological explanations’ and the explanatory status of laws of nature in the philosophy of the human sciences (Dray, 1957; Hempel, 1965; von Wright 1971). Another is the question of whether the subject matter of the social sciences requires a special type of interpretative, hermeneutic, or perhaps even empathetic, ‘access’ (Collingwood, 1946; Winch, 1964; Taylor, 1985). More recently, there has been renewed interest in the question of how to explicate our capacity to interpret another person’s actions (see the recent suggestion that the ‘theory–theory’ vs. ‘simulation theory’ distinction is similar to some aspects of the *Erklären/Verstehen* distinction) (Kögler; Stueber, 2000)” (Feest, 2010, p. 1).

se encontram nas reflexões desenvolvidas por Baumberger, Beisbart e Brun (2017, p. 2-5). A primeira consiste no fato de que a compreensão desempenha uma centralidade em nosso empenho em pensar a respeito do mundo, de modo que o seu valor parece até superar o do conhecimento, já que podemos muitíssimo bem conhecer algo sem compreendê-lo. A segunda, mais simples, repousa na posição ocupada pela compreensão nas ciências, sendo um dos seus objetivos mais centrais. Por fim, os recentes desenvolvimentos nas searas da epistemologia, filosofia da ciência e filosofia da mente parecem avalizar com certa tranquilidade o interesse devotado ao tópico em discussão. Como arremate, entretanto, pode-se reproduzir o que também os autores fazem questão de apontar: “se, por um lado, o conhecimento pode ser colhido com certa facilidade a partir do testemunho de especialistas, a compreensão, ao contrário, parece ser mais exigente e requer que um agente epistêmico junte diversas peças de informação, apanhe conexões, consiga raciocinar a respeito de causas”<sup>2</sup> (Baumberger; Beisbart; Brun, 2017, p. 3, tradução nossa), o que por certo é algo a ser levado favoravelmente em conta quando se reflete a respeito da compreensão.

O presente estudo está dividido em três partes. A primeira buscará reconstruir o “desafio” das *Geisteswissenschaften*, em especial a partir do desenvolvimento proposto por Wilhelm Dilthey e seus continuadores e epígonos à explicação e às ciências naturais. A segunda concentrará seu enfoque sobre as críticas dirigidas à compreensão pela corrente do empirismo lógico e, dentro desta, com especial destaque à contribuição de Carl Hempel. A terceira e última buscará ofertar uma espécie de (brevíssima) síntese do atual estado das discussões, com tímido aceno de renovado diálogo.

## **1 A VERSTEHEN: ORIGENS E CARACTERÍSTICAS**

A busca por origens e a invocação de tradições não constituem operações desprovidas de riscos e eventuais descompassos – mas podem, vez ou outra, ser úteis. Aqui, os esforços empreendidos por Von Wright, colhidos em sua importante obra *Explanation and Understanding*, de 1971, podem oferecer valiosas contribuições.

Duas grandes tradições de pensamento metodológico podem ser percebidas na história das ideias, especialmente no que se refere às condições necessárias para a garantia de uma

---

<sup>2</sup> No trecho original em inglês: “Furthermore, knowledge may easily be acquired through the testimony of experts; understanding, by contrast, seems more demanding and requires that an epistemic agent herself puts together several pieces of information, grasps connections, can reason about causes, and this too suggests an added value” (Baumberger; Beisbart; Brun, 2017, p. 3).

explicação científica respeitável: a aristotélica e a galilaica. A primeira, mais antiga, caracteriza-se por seus esforços em tornar os fatos teleológica ou finalisticamente mais compreensíveis aos homens. A segunda, por sua vez, avança *pari passu* com o ponto de vista causal-mecanicista para explicar e prever os fenômenos. As duas tradições receberiam incremento e renovado fôlego especialmente na esteira do Renascimento e do Período Barroco, alcançando um ponto de ebulição no século XIX e um regaço propício no positivismo então nascente (Von Wright, 1971, p. 1-6).

Alguns caracteres centrais do positivismo podem ser elencados: monismo metodológico (unidade do método científico inalterável diante da multiplicidade de tópicos e elementos de investigação); o ideal ou *standard* metodológico da investigação científica deve ser *necessariamente* buscado e encontrado nas ciências naturais, especialmente as exatas, devendo ele servir de parâmetro de mensuração do desenvolvimento e da perfeição das demais ciências; e, por fim, uma determinada concepção de explicação científica, causal e ancorada na subsunção de casos individuais a leis gerais da natureza, aí incluída a humana. A sua filiação à tradição galilaica, mais antiga e ramificada, faz-se precisamente visível pelas três características aduzidas: unidade de método, tipo-ideal de ciência alicerçada na matemática e importância conferida às leis gerais para a explicação científica (Von Wright, 1971, p. 1-6).

Compreensão e explicação, sentido e certeza, seguramente tiveram fortunas díspares, e muitas vezes reversíveis, na alternância de períodos históricos da filosofia. Assim sendo, ao passo que a filosofia helenística e a parte mais expressiva da filosofia pós-cartesiana conferiram à certeza uma atenção sobremaneira superior àquela gozada pela compreensão, Platão e Aristóteles, os filósofos do Medievo e mesmo Spinoza distribuíram suas graças de modo inverso; se Platão chegou muito próximo de identificar conhecimento e compreensão, Descartes quase fez equivaler conhecimento e certeza (Zagzebski, 2001, p. 237-240).

Alternâncias, inversões e subversões à parte, é de todo modo seguro dizer que os filósofos buscaram conceber a noção de explicação científica das mais distintas maneiras, seja pelo apelo a elementos essenciais, seja pela exigência de determinada relação fática existente no mundo dos fenômenos. Confrontados por um *mare tenebrarum* de entidades capazes de, ou mobilizáveis para fins de, oferecer explicações (teorias, pessoas, hipóteses, modelos), cientistas e leigos foram, e seguem sendo, imediatamente recepcionados por uma pleora de ambiguidades e dificuldades (Faye, 2014).

O sucesso conquistado pelas ciências naturais ao longo do vulcânico século XIX suscitou receio e resistência entre filósofos, historiadores e cientistas sociais acerca da importação de seus parâmetros ao domínio dos assuntos humanos e ao estudo das ações aí desenvolvidas. A escalada de receio e resistência culminou em acesa polêmica, sumarizada em dúvida até hoje sem resolução definitiva: haveria diferença metodológica *palpável* ou *justificável* entre ciências humanas e naturais? A resposta a tal indagação pode ser buscada na bifurcação do debate filosófico em dois campos cristalinamente definidos e opostos: os defensores da inexistência de tal diferença cerram fileiras no positivismo ou naturalismo; os adeptos da manutenção de um *distinguo* necessário e incontornável podem ser localizados no idealismo, no separatismo metodológico ou, mais contemporaneamente, nas correntes do interpretativismo e da hermenêutica (Kögler; Stueber, 2000). Embora a compreensão não constitua propriamente objeto de fulgurante ineditismo, o seu entendimento atual (em especial o encontrado em discussões epistemológicas) só recentemente logrou angariar devidas atenções filosóficas, como bem apontam Baumberger, Beisbart e Brun (2017, p. 2, tradução nossa):

O que hoje chamamos de compreensão não foi, portanto, um tópico de destaque na epistemologia moderna até muito recentemente. Entretanto, a compreensão (especialmente em sua tradução alemã, *Verstehen*) desempenhou um papel crucial em uma discussão filosófica sobre como as humanidades (*Geisteswissenschaften*) diferem das ciências. O historiador Droysen contrastou o que ele chamou de *Erklären* (explicação) com *Verstehen* (compreensão) e sugeriu que a história exige compreensão, enquanto as ciências físicas explicam (Droysen 1868, parágrafos 8 e 14). Nas obras de Dilthey sobre os fundamentos das ciências humanas, a compreensão é considerada sua conquista característica [...]. Os positivistas lógicos, por outro lado, rejeitaram uma dicotomia estrita entre as ciências e as humanidades e, portanto, entre explicação e compreensão [...]. Não é de surpreender, portanto, que a compreensão tenha aparecido na filosofia analítica da ciência em debates sobre a explicação científica. A explicação era considerada primária e analisada, por exemplo, em termos de argumentos válidos (Hempel; Oppenheim, 1948), enquanto a compreensão era considerada apenas um subproduto psicológico ou um aspecto pragmático da explicação [...]³.

---

<sup>3</sup> No original em inglês: “What we now call understanding has thus not been a prominent topic in modern epistemology until very recently. However, understanding (in particular in its German translation, *Verstehen*) did play a crucial role in a philosophical discussion of how the humanities (*Geisteswissenschaften*) differ from the sciences. Historian Droysen contrasted what he called *Erklären* (explanation) with *Verstehen* (understanding) and suggested that history calls for understanding while the physical sciences explain (Droysen, 1868, p. 8 and 14). In Dilthey’s works about the foundations of the humanities, understanding is taken as their characteristic achievement (e.g. Dilthey, 1910, p. 98-100; see Kögler and Stueber 2000 and Martin 2000 for the views of different classic *Verstehen* theorists). The logical positivists, by contrast, rejected a strict dichotomy between the sciences and humanities, and thus between explanation and understanding (e.g. Hempel 1942; see von Wright 1971 and Stueber 2012 for more recent contributions). It does not come as a surprise then that understanding surfaced in analytic philosophy of science in debates about scientific explanation. Explanation was taken to be primary and analyzed, for example, in terms of valid argument (Hempel; Oppenheim, 1948), while understanding was merely regarded as a psychological byproduct or a pragmatic aspect of explanation (e.g.

Seria o caso de aqui traçar as linhas gerais a respeito dos campos em conflito – ainda que a título sumário. Para os integrantes do primeiro, isto é, os albergados sob a chancela genérica de naturalistas e positivistas, as ciências naturais e sociais comungariam de um único e mesmo escopo: o de desenvolver teorias que, abrangentes e empiricamente amparadas, possuiriam notáveis capacidades preditivas para todos os campos de investigação científica. Tais teorias teriam o condão de permitir a explicação causal da ocorrência de certo evento por meio do apelo a um campo de conhecimento bem estruturado e integrado pela articulação de mecanismos causais subjacentes aos fenômenos eleitos como objetos de investigação: “os filósofos da ciência há muito que consideram a derivação dedutiva de leis universais e condições iniciais como o paradigma da explicação científica”<sup>4</sup> (Faye, 2014, p. 117, tradução nossa). Eventuais diferenças entre ciências naturais e sociais seriam, quando muito, sinalizações irrelevantes, ou mesmo testemunhos claros do insuficiente desenvolvimento das segundas: o método *científico* permaneceria intocado em sua essência e ditame (construção e verificação empírica das teorias, *naturais ou sociais*) e a defesa de uma diferença qualitativa específica às ciências humanas não lograria encontrar validação (Kögler; Stueber, 2000, p. 3).

O desenvolvimento das *Geisteswissenschaften*<sup>5</sup>, iniciado no século XIX e ainda hoje produtor de ecos e retomadas, oferece um rico panorama crítico-avaliativo a respeito das transformações operadas no seio das ciências ao longo do prometeicos séculos XIX e XX. A culminância de tais desenvolvimentos pode ser enquadrada na tradição da hermenêutica filosófica, responsável por alçar o problema da linguagem ao cerne duro de suas preocupações e investigações, que teve em Wilhelm Dilthey, Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer os seus representantes mais notáveis (Apel, 1967, p. vii). O alvo predileto de crítica radicava-se no método rival da explicação causal, o que encapsulava – a sinalização é devida – a

---

Hempel 1965, 413; see De Regt 2009 for a survey about views concerning the relationship between understanding and explanation) [...]” (Baumberger; Beisbart; Brun, 2017, p. 2).

<sup>4</sup> No original em inglês: “Philosophers of science have long regarded deductive derivation from universal laws and initial conditions as the paradigm of scientific explanation. But, as we shall see, this deductive-nomological explanation is merely one form of scientific explanation” (Faye, 2014, p. 117).

<sup>5</sup> Termo anexado ao léxico filosófico-científico em razão da ampla circulação da tradução alemã, por J. Schiel, da obra de John Stuart Mill, *System of Logic*, que veio a lume em 1849 sob o título *System der deductiven und inductiven Logik* (Braunschweig; Vieweg, 1849). No entanto, cumpre ter presente a advertência de Makkreel (1975, p. 36, tradução nossa): “Em 1843, o historiador Johann Gustav Droysen havia usado o termo no prefácio do segundo volume de sua *Geschichte des Hellenismus*. [...] Mas a palavra, sem dúvida, não tinha nenhum significado especial para Droysen, que usava principalmente a expressão *Wissenschaft der Geschichte* (ciência da história)”. No trecho original: “In 1843, the historian Johann Gustav Droysen had used the term in the preface to the second volume of his *Geschichte des Hellenismus*. Strangely enough, Rothacker himself had republished Droysen’s preface two years before making the claim for Schiel’s priority. But the word undoubtedly had no special significance for Droysen, who primarily used the expression *Wissenschaft der Geschichte* (science of history)” (Makkreel, 1975, p. 36).

hostilidade caracteristicamente alemã ao positivismo de corte predominantemente anglo-francês, que colhia em nomes como Auguste Comte e John Stuart Mill seus expoentes filosóficos mais notáveis (Outhwaite, 1975, p. 11).

A polêmica alimentada ao longo da segunda metade do século XIX entre o conceito de “Explicação” (*Erklären*), referido aos fenômenos naturais, e o de “Compreensão” (*Verstehen*), atinente ao mundo sócio-histórico criado pelo homem e aos fenômenos em seu interior verificáveis, encontrou em J. G. Droysen e Wilhelm Dilthey próceres de primeiríssimas ordem e grandeza (o primeiro especialmente em razão de sua *Historik*, de 1868; o segundo, entre outras obras de renome, a partir da *Einleitung in die Geisteswissenschaften*, que veio a lume em 1883) (Apel, 1967; Gadamer, 2011). A tradição historicista alemã (Humboldt, Ranke, Droysen, Dilthey, Windelband, Rickert, Troeltsch, Simmel e mesmo Weber<sup>6</sup>) serviu de regaço e plataforma para o desenvolvimento de tais iniciativas. O debate entre explicação e compreensão angariaria discípulos bem definidos entre as fileiras das tradições analítica e hermenêutico-continental da filosofia. Sabe-se, de igual modo, que a hermenêutica enquanto teoria da compreensão ou interpretação cultivou longeva trajetória, com raízes bem assentadas particularmente nas práticas interpretativas da teologia, do direito e da filologia (Grondin, 1994).

Pode-se atribuir ao historiador alemão Johann Droysen o emprego pioneiro do termo *verstehen* como crivo diferenciador entre as ciências naturais e as ciências sociais: as primeiras teriam por objetivo *explicar* (*erklären*) os fenômenos naturais, enquanto as ciências sociais buscariam *compreender* o sentido (*verstehen*) dos fenômenos por elas estudados (Fay, 2017, p. 29). É de sua autoria a famosa expressão a respeito do dualismo metodológico existente entre as ciências: “a essência do método histórico é de compreender ao pesquisar” (Droysen, 2009, p. 38). Vale seguir com ele:

De acordo com os objetos estudados e a natureza do pensamento humano, existem três métodos científicos: o método especulativo (filosófico ou teológico), o físico e o histórico. A sua essência é: reconhecer, esclarecer e compreender. Daí o antigo cânone das ciências: lógica, física, ética – que não são três caminhos para uma mesma meta, mas os três lados de um só e mesmo prisma, quando o olho humano quer apreender, no reflexo das cores, essa luz eterna cujo esplendor seria incapaz de suportar (Droysen, 2009, p. 41).

---

<sup>6</sup> Segundo Apel (1984, p. 11-12), os perpetuadores da *Verstehen* do limiar do século XX podem ser agrupados em três principais grupos: (I) a própria escola de Dilthey, voltada à filosofia da vida e, posteriormente, ao neohegelianismo; (II) a escola do neokantismo de Heidelberg, antipsicológica e antivitalista, associada aos nomes de Wilhelm Windelband e Heinrich Rickert; e (III) o conceito de Max Weber de uma sociologia compreensiva, partindo do paradigma do tipo-ideal de compreensão de propósitos e razões.

“A pesquisa histórica não tem por ambição explicar, ou seja, não pretende deduzir do anterior o posterior; os fenômenos necessariamente como efeitos de evoluções e leis que os regem” (Droysen, 2009, p. 54). O *leitmotiv* da distinção arguida e sustentada por Droysen entre as ciências naturais e a *Historik* consiste no fato de esta última ter como objeto próprio de investigação as expressões de pensamentos e ideias humanas que, na forma de resquícios, fontes e monumentos, perpetuam e testemunham a atividade humana ao longo de diferentes épocas históricas. Sua adequada compreensão, portanto, enquanto expressões de atividade humana criadora, e não como processos da natureza inanimada, suficientemente justificaria a defesa de uma abordagem metodológica distinta da esposada pelas ciências naturais (Droysen, 2009).

Segundo Dilthey, a Escola Histórica Alemã<sup>7</sup> foi a primeira a romper os grilhões de subserviência metafísica ao afirmar a autonomia da consciência e a da pesquisa histórica – ainda que com atraso, já que as demais ciências deram início à sua emancipação ainda no crepúsculo da Idade Média. Ele escreve, então, enquanto póster e *superador*, em especial diante da incapacidade demonstrada pela Escola Histórica de fazer frente à investida das ciências naturais e da disseminação de seus parâmetros pelas mãos de Comte, Mill e Buckle. Confrontados com resultados superficiais e empobrecidos, mas analiticamente sofisticados, os pesquisadores, acusa Dilthey (1989, p. 47-50), recuaram, contentaram-se com o novo estado de coisas ou apelaram à metafísica. Tal é o pano de fundo do empreendimento gestado por Dilthey. O homem no interior do sistema diltheyano

---

<sup>7</sup> A nota de Beiser a respeito da avaliação da Escola Histórica por Dilthey é indispensável: “Mas a batalha que se avizinhava era contra um inimigo ainda mais potente: o positivismo, o novo naturalismo, que iria modelar todas as ciências humanas de acordo com os métodos das ciências naturais. Dilthey colocou o dedo no problema no prefácio da sua *Einleitung in die Geisteswissenschaften*. Em vez de libertar todas as ciências, explicou, o crescimento das ciências naturais escravizou as ciências humanas. Pensadores como Mill e Comte impuseram os métodos das ciências naturais às ciências humanas, como se o seu objeto de estudo fosse o mesmo que o das ciências naturais. No entanto, há um fato fundamental, argumentou Dilthey, que lança dúvidas sobre todo o programa positivista: a ascensão da escola histórica na Alemanha. As realizações dessa escola mostram, segundo Dilthey, que as ciências humanas têm os seus próprios métodos, não menos rigorosos do que os das ciências naturais, e que podem alcançar resultados fiáveis, não menos sólidos do que os das ciências naturais” (Beiser, 2011, p. 325, tradução nossa). No original em inglês: “But the battle to come was against an even more potent enemy: positivism, the new naturalism, which would model all the human sciences according to the methods of the natural sciences. Dilthey put his finger firmly on the problem in the preface to his *Einleitung in die Geisteswissenschaften*. Rather than liberating all the sciences, he explained, the growth of the natural sciences had enslaved the human sciences. Thinkers like Mill and Comte imposed the methods of the natural sciences upon the human sciences, as if their subject matter were the same as the natural sciences. However, there was one fundamental fact, Dilthey argued, that casts doubt upon the entire positivist program: the rise of the historical school in Germany. The achievements of this school show, Dilthey claimed, that the human sciences have their own methods, no less rigorous than those of the natural sciences, and that they can achieve reliable results, no less solid than those of the natural sciences (Beiser, 2011, p. 325).



[...] existe na natureza como um reino dentro de um reino – *imperium in imperio*, para usar uma expressão de Spinoza. E como só existe para ele aquilo que é um fato de sua consciência, todo valor e todo propósito na vida estão nesse mundo independente da mente ativo nele – o objetivo de cada ato seu é produzir fatos espirituais. Assim, do reino da natureza, ele distingue um reino da história, no qual, em meio à necessidade objetiva da natureza, a liberdade se manifesta em inúmeros pontos. Em contraste com o curso mecânico da mudança natural que, no início, já contém tudo o que se segue a ela, os atos de vontade exercem força e envolvem sacrifícios, cujo significado é evidente para o indivíduo em sua experiência e que realmente produzem algo. Os atos de vontade geram um desenvolvimento na pessoa e na humanidade que é mais do que a recapitulação vazia e tediosa na consciência do curso da natureza, que já foi celebrada pelos idólatras do desenvolvimento intelectual como o epítome do progresso histórico (Dilthey, 1989, p. 58-59, tradução nossa)<sup>8</sup>.

A justificativa para a diferenciação metodológica proposta por Dilthey entre as *Geisteswissenschaften* e as *Naturwissenschaften* radica-se em termos epistemológicos – ou seja, deve constituir uma tarefa epistemológica, a ser devidamente desempenhada pela filosofia, a fim de reconhecer que aquelas, embora não munidas de princípios primeiros tão claramente definidos, não são menos fundamentais, compreensivas e objetivas do que estas as segundas em seus resultados buscados e alcançados (Makkreel, 1975, p. 38). O próprio Dilthey anuncia seu intento claro de desenvolver uma *fundamentação epistemológica para as ciências humanas* com o fito de utilizar os recursos daí advindos para “determinar as interconexões entre as ciências humanas particulares, os limites dentro dos quais cada conhecimento é possível em tais ciências, e a relação de suas verdades umas com as outras” (Dilthey, 1989 p. 165, tradução nossa<sup>9</sup>). Assim sendo,

[...] as ciências naturais procedem ao fornecer uma explicação dos fenômenos naturais analisando a natureza em seus elementos atômicos e explicando os fenômenos complexos em termos das regularidades existentes entre esses elementos. As ciências humanas, entretanto, precisam lidar com fatos significativos. A

---

<sup>8</sup> No original em inglês: “He exists in nature as a realm within a realm – *imperium in imperio*, to use an expression of Spinoza. And since only that exists for him which is a fact of his consciousness, every value and every purpose in life lies in this independent world of mind active in him - the goal of his every act is to produce spiritual facts. Thus from the realm of nature he distinguishes a realm of history, in which, amidst the objective necessity of nature, freedom is manifested at countless points. In contrast to the mechanical course of natural change which at the outset already contains everything that follows from it, acts of will exert force and involve sacrifices, whose meaning is evident to the individual in his experience and which actually produce something. Acts of will generate a development in the person and in mankind that is more than the empty and tedious recapitulation in consciousness of the course of nature which was once celebrated by the idolaters of intellectual development as the epitome of historical progress” (Dilthey, 1989, p. 58-59).

<sup>9</sup> No original: “From these premises we derive the tasks of developing an *epistemological foundation for the human sciences* and of using the resources created by such a foundation to determine the interconnectedness among the particular human sciences, the limits within which knowledge is possible in these sciences, and the relation of their truths to one another. The accomplishment of these tasks could be designated the Critique of Historical Reason, i.e., a critique of the capacity of man to know himself and the society and history which he has produced” (Dilthey, 1989, p. 165).

compreensão do significado de fatos ou eventos isolados só é possível quando se entende que eles fazem parte de um todo maior. Reconhecer o significado de uma ação requer colocá-la em um contexto social ou histórico maior e, da mesma forma, compreender o significado de um fato mental, reconhecer o significado de uma expressão linguística ou o conteúdo de um pensamento requer compreender sua relação com outros pensamentos e assim por diante (Stueber, 2012, p. 21, tradução nossa<sup>10</sup>).

Levar a cabo tal projeto constitui, segundo Dilthey (1989, p. 165, tradução nossa), a “Crítica da Razão Histórica, i.e, uma crítica da capacidade do homem de conhecer a si próprio e a sociedade e a história que ele produziu”. Pesquisadores das ciências naturais explicam a natureza fazendo uso de hipóteses que separam os elementos individuais; pesquisadores das ciências humanas compreendem a arte, as mentes, a sociedade, a história quando tomam esses tópicos como complexos coerentes *inseridos* no interior de complexos *maiores*, mais abrangentes, vastos, complexos (Braver, 2019). Cada elemento investigado colhe seu significado no plano de fundo no qual se encontra inserido e ao qual invariavelmente remete. É possível apontar como traço comum às diversas abordagens inspiradas pela *verstehen* a “pesquisa dos significados do comportamento social e dos estados mentais, dos objetos culturais e das práticas sociais, e que essa pesquisa é essencial para o estudo dos atos, relacionamentos e experiências dos seres humanos” (Fay, 2017, p. 30, tradução nossa<sup>11</sup>). Assim procedendo, o método utilizado pelas ciências humanas “quase reverte o utilizado do cientista natural, reconstruindo contextos e colocando fenômenos de novo em seu interior” (Braver, 2019, p. 237, tradução nossa<sup>12</sup>).

Explicamos a natureza, compreendemos a vida psíquica. Pois, na experiência interior [*innere Erfahrung*], os processos de uma coisa agindo sobre outra e as conexões de funções ou membros individuais da vida psíquica em um todo também são dados. O todo [*Zusammenhang*] experimentado [*erlebte*] é primário aqui, a distinção entre seus membros só vem depois. Disso resulta que os métodos por meio dos quais estudamos a vida psíquica, a história e a sociedade são muito diferentes daqueles que levaram ao conhecimento da natureza. Nesta última, toda a conexão [*Zusammenhang*] é obtida por meio da formação de hipóteses; na psicologia, é

<sup>10</sup> No original em inglês: “[...] the natural sciences proceed in providing an account of natural phenomena by analyzing nature into its atomic elements and by accounting for complex phenomena in terms of the regularities holding among those elements. The human sciences however have to deal with facts of significance. Grasping the significance of isolated facts or events is only possible by understanding that they are part of a larger whole. Recognizing the significance of an action requires placing it in a larger social or historical context and likewise grasping the significance of a mental fact, recognizing the meaning of a linguistic expression or the content of a thought requires grasping its relationship to other thoughts and so on” (Stueber, 2012, p. 21).

<sup>11</sup> No original em inglês: “[...] the meanings of social behavior and mental states, and of cultural objects and social practices, and that such ferreting is essential to the study of the doings, relatings, and experiencings of human beings” (Fay, 2017, p. 30).

<sup>12</sup> No original em inglês: “Thus, a human scientist’s method almost reverses the natural scientist’s, reconstructing contexts and placing phenomena back into them” (Braver, 2019, p. 237).

precisamente a conexão que é original e continuamente dada na experiência vivida [*Erleben*]: a vida existe em toda parte apenas como um nexos ou um todo coerente (Dilthey, 1977, 144-145; p. 27-28, tradução nossa<sup>13</sup>).

Igualmente importante é acompanhar aqui, mesmo que em rápida passagem, os avanços sinalizados por Dilthey (1990) em sua segunda maior obra sobre a fundamentação das ciências humanas, *Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften* (A Formação do Mundo Histórico nas Ciências Humanas), de 1910. A vida, *Leben*, ganha uma complexidade maior na reflexão tardia de Dilthey: como nos indica Apel, “sob a influência da crítica neo-kantiana e husserliana do psicologismo, ele abandonou a visão de que a psicologia forma a ciência básica e deu à sua epistemologia da *Verstehen* uma virada objetiva” (Apel, 1984, p. 4, tradução nossa<sup>14</sup>).

Já não encapsulada pela definição em termos quase exclusivamente psicológicos das formulações precedentes, vida passa agora a abarcar uma “estrutura complexa e triádica: *Erlebnis* (experiência vivida), *Ausdruck* (expressão humana e objetificação cultural) e *Verstehen* (compreensão e interpretação)” (Kögler; Stueber, 2000, p. 27), sendo que estas duas investem-se de ênfase e centralidade, pois a segunda “é explicitamente introduzida a fim de enfatizar a universalidade da cultura e da mediação histórica”, e a última é entendida como “o modo de fazer sentido de nós mesmos pelas múltiplas expressões e manifestações que sempre definem de antemão nosso sentido diário” (Kögler; Stueber, 2000, p. 27). Sigo e concluo com Kögler e Stueber (2000, p. 27): existindo no interior de um mundo histórico comumente compartilhado e compreendido, “os agentes dão sentido a seus atos e expressões individuais em termos de um pano de fundo compartilhado, uma esfera comum de sinais, suposições e práticas na qual eles sempre já se compreendem”<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> No trecho original: “We explain nature, we understand psychic life. For in inner experience [innere Erfahrung] the processes of one thing acting on another, and the connections of functions or individual members of psychic life into a whole are also given. The experienced [*erlebte*] whole [*Zusammenhang*] is primary here, the distinction among its members only comes afterwards. It follows from this that the methods by means of which we study psychic life, history, and society are very different from those which have led to the knowledge of nature. In the latter, all connectedness [*Zusammenhang*] is obtained by means of the formation of hypotheses; in psychology it is precisely the connectedness which is originally and continually given in lived experience [*Erleben*]: life exists everywhere only as a nexus or coherent whole” (Dilthey, 1977, 144-145; p. 27-28).

<sup>14</sup> No trecho original: “Here, under the influence of the neo-Kantian and Husserlian critique of psychologism, he abandoned the view that psychology forms the basic science and gave his *Verstehen* epistemology an objective turn, one oriented in part toward Hegel and, to this extent, in part returning to Droysen” (Apel, 1984, p. 4).

<sup>15</sup> No trecho original: “In his second major work on the grounding of the human sciences, the *Construction of the Historical World in the Human Sciences*, Dilthey opens himself to the full implications of the individual's situatedness in cultural and historical contexts. Instead of grounding interpretation in the Cartesian self-evidence of *Erlebnis*, he now suggests *Leben* as a more broadly conceived foundation. Life is not defined in terms of a psychological relation alone but includes the triadic and complex structure *Erlebnis* (lived experience), *Ausdruck* (human expression and cultural objectification), and *Verstehen* (understanding and interpretation). Although

Toda palavra, toda frase, todo gesto ou fórmula educada, toda obra de arte e todo ato político são inteligíveis porque as pessoas que se expressaram por meio deles e aquelas que os compreenderam têm algo em comum; o indivíduo sempre experiencia, pensa e age em uma esfera comum e somente ali é que ele compreende. Tudo o que é compreendido carrega, por assim dizer, a marca da familiaridade derivada de tais características comuns. Vivemos nessa atmosfera, ela nos cerca constantemente. Estamos imersos nela. Estamos em casa em toda parte nesse mundo histórico e compreendido; entendemos o sentido e o significado de tudo isso; nós mesmos estamos entrelaçados nessa esfera comum (Dilthey, 1976, p. 191, tradução nossa<sup>16</sup>).

Aqui é possível perceber como a compreensão pressupõe a experiência e, para tornar-se de fato conhecimento, deve obrigatoriamente romper as amarras da estreiteza e do subjetivismo em direção à generalidade, sempre em etapas posteriores, mas conectadas. Daí a afirmação de Dilthey de que, ao contrário do que se verifica no conhecimento da natureza inorgânica, que procede através de uma “hierarquia de ciências na qual o estrato mais baixo sempre é independente daquele para o qual lança as bases; nos estudos humanos tudo, do processo de compreensão em diante, é determinado pela relação de *mútua dependência*” (Dilthey, 1976, p. 188, tradução nossa<sup>17</sup>). Parece então oportuno, a partir desta última afirmação de Dilthey, encerrar com Gadamer (2011, p. 38-39), que dirá que “mesmo que em todo conhecimento histórico esteja incluído o emprego da experiência genérica no respectivo objeto de pesquisa, o conhecimento histórico não aspira tomar o fenômeno concreto como caso de uma regra geral”. Tal defesa da especificidade de tais ciências, entretanto, não parecia suficientemente justificada aos olhos de seus detratores – e seus alicerces prontamente se viram alvo de duríssimas investidas.

---

Erlebnis is still part of the whole picture (so as to preserve the unique first- personal relation of all understanding), the dimension of Ausdruck (as expression, manifestation, objectification of meaning) is now explicitly introduced in order to emphasize the universality of cultural and historical mediation. However, it is the third category, Verstehen, that now becomes the most central feature of social and historical life. Given the universality of cultural expressions that mediate our self-understanding or lived experience, it is actually Verstehen as the mode of making sense of ourselves through the manifold expressions and manifestations that always already define our everyday meaning (Kögler; Stueber, 2000, p. 27).

<sup>16</sup> No trecho original em inglês: “Every word, every sentence, every gesture or polite formula, every work of art and every political deed is intelligible because the people who expressed themselves through them and those who understood them have something in common; the individual always experiences, thinks and acts in a common sphere and only there does he understand. Everything that is understood carries, as it were, the hallmark of familiarity derived from such common features. We live in this atmosphere, it surrounds us constantly. We are immersed in it. We are at home everywhere in this historical and understood world; we understand the sense and meaning of it all; we ourselves are woven into this common sphere” (Dilthey, 1976, p. 191).

<sup>17</sup> No original: “Knowledge of inorganic nature proceeds through a hierarchy of sciences in which the lower stratum is always independent of the one for which it lays the foundations; in the human studies everything from the process of understanding onwards is determined by the relationship of mutual dependence” (Dilthey, 1976, p. 188).

## 2 O DESAFIO LANÇADO À COMPREENSÃO PELA EXPLICAÇÃO: A REAÇÃO DO EMPIRISMO LÓGICO E DE CARL HEMPEL

A fortuna da defesa das ciências “humanas” veementemente empreendida por Dilthey e seus epígonos converteu-se em objeto *par excellence* de anátema e descalabro dos filósofos da primeira metade do século XX, especialmente os oriundos da filosofia da ciência e da epistemologia. A sua filiação ao postulado da unidade da ciência vinha, outrossim, acompanhada da recusa em reconhecer qualquer papel epistêmico à compreensão no seio das disciplinas científicas (Uebel, 2010, 2017). A corrente do *empirismo lógico*<sup>18</sup>, que abrigou nomes como Rudolf Carnap, Carl Gustav Hempel, Theodore Abel e Richard Rudner, apresentou, na lição de Uebel (2010), duas posições frente à *Verstehen*: interesse heurístico na formulação de hipóteses desprovido de papel efetivo em sua validação e, posteriormente, um certo papel validacional a título de concessão. Tais posições, entretanto, comportam três fases distintas, cada qual com uma estratégia argumentativa própria. A reprodução da lição de Uebel impõe-se:

Durante a primeira fase, o argumento para o papel meramente heurístico da *Verstehen* é baseado na doutrina geral do behaviorismo lógico (ou em uma forma liberalizada deste. Durante a fase dois e a versão ultraortodoxa da fase três, ele se baseia no argumento de que toda explicação segue o modelo dedutivo-nomológico. A posição sofisticada do estágio três, que também concede um papel de validação à *Verstehen*, entretanto, baseia-se em uma concepção de explicação psicológica que incorpora tipos racionais ideais e, portanto, satisfaz o modelo dedutivo-nomológico. Ao longo dos três estágios de seu desenvolvimento, podemos observar mudanças na estratégia argumentativa dos empiristas lógicos contra o separatismo das *Geisteswissenschaften* e também naquilo a que os empiristas lógicos realmente se opunham. Uma vez que a doutrina reducionista do behaviorismo lógico teve problemas, o argumento se baseou no modelo dedutivo-nomológico de explicação. E uma vez que a terminologia psicológica intencional foi admitida como um discurso teórico genuíno, tudo o que permaneceu objetável em relação à *Verstehen* foi a alegação tradicional de que ela pertencia a um domínio não físico e separado da agência mental ou espiritual (Uebel, 2010, p. 292, tradução nossa<sup>19</sup>).

---

<sup>18</sup> “The heyday of positivism in the middle of the nineteenth century was succeeded by an antipositivist reaction towards the end and round the turn of the century. But in the decades between the two world wars positivism returned, more vigorous than ever. The new movement was called neo-positivism or logical positivism, later also logical empiricism. The attribute ‘logical’ was added to indicate the support which the revived positivism drew from the new developments in formal logic. [...] The logical positivism of the 1920’s and 1930’s was a main, though by no means the sole, tributary out of which grew the broader current of philosophical thought nowadays commonly known as analytical philosophy. It would be quite wrong to label analytical philosophy as a whole a brand of positivism. But it is true to say that the contributions of analytical philosophy to methodology and philosophy of science have, until recently, been predominantly in the spirit of positivism, if by ‘positivism’ one understands a philosophy advocating methodological monism, mathematical ideals of perfection, and a subsumption-theoretic view of scientific explanation” (Von Wright, 1971, p. 8-9).

<sup>19</sup> No original em inglês: “During phase one, the argument for the merely heuristic role of *Verstehen* is based on the general doctrine of logical behaviourism (or a liberalised form thereof). During phase two and the ultra-orthodox version of phase three it is based on the argument that all explanation follows the deductive-

A acusação por eles avançada encontra adequada recepção na síntese desenvolvida por Robert C. Scharff (2019, p. 120, tradução nossa<sup>20</sup>): a contestação da unidade das ciências e a exigência *científica* de métodos distintos para assuntos fundamentalmente diferentes “parecia desafiar diretamente um artigo primário da fé filosófica ortodoxa: as práticas científicas, para serem científicas, devem compartilhar um único método”.

Papel de inegável centralidade deve ser reconhecido ao filósofo da ciência Carl Hempel, responsável por conferir à noção de *explicação finesse* e respeitabilidade filosóficas, movimento acompanhado por uma denegação da *compreensão*. Segundo Hempel, as explicações alicerçadas, mesmo que minimamente, nas dimensões desta última poderiam eventualmente conferir ao sujeito a sensação de ter logrado obter certa compreensão – ainda que indissociavelmente eivada de *subjetivismo* e *psicologismo* (Hempel, 1965, 1974). Tal tentativa, mesmo que bem-sucedida, inevitavelmente padeceria de tais vícios. Nas próprias palavras de Hempel (1965, p. 413, tradução nossa<sup>21</sup>), “expressões como ‘domínio da compreensão’ e ‘compreensível’ não pertencem ao vocabulário da lógica, pois elas se referem aos aspectos psicológicos e pragmáticos da explicação”.

Na visão lógico-empirista de Hempel, o objetivo da filosofia da ciência é dar conta da natureza objetiva da ciência por meio da análise lógica de seus conceitos. Seus aspectos psicológicos e pragmáticos podem ser de interesse para historiadores, sociólogos e psicólogos da ciência (em suma, para aqueles que estudam o fenômeno da ciência empiricamente), mas devem ser ignorados pelos filósofos. [...] A marca registrada do conhecimento científico é, na visão de Hempel, sua natureza objetiva, e os filósofos da ciência devem, portanto, tentar fazer uma descrição objetivista da ciência e da explicação científica em particular – e, portanto, devem ignorar aspectos pragmáticos como compreensão e inteligibilidade (De Regt, 2009, p. 22-23, tradução nossa<sup>22</sup>).

nomological model. The sophisticated stage three position that also grants a validation role to *Verstehen* meanwhile is based on a conception of psychological explanation as incorporating ideal rational types and thereby satisfying the deductive-nomological model. Across the three stages of its development, we can see changes in the logical empiricists’ argumentative strategy against the separatism of *Geisteswissenschaften* and also in what the logical empiricists actually objected to. Once the reductive doctrine of logical behaviourism had run into trouble, the argument based itself on the deductive-nomological model of explanation. And once intentional psychological terminology was admitted as bona fide theoretical talk, all that remained objectionable about *Verstehen* was the traditional claim that it pertained to a non-physical and separate domain of mental or spiritual agency” (Uebel, 2010, p. 292).

<sup>20</sup> No trecho original em inglês: “The very idea that natural and human science might require fundamentally different research methods for fundamentally different subject matters, each with a fundamentally different yet equally “scientific” purpose, appeared to directly challenge a primary article of orthodox philosophical faith: Scientific practices, to be scientific, must all share a single method” (Scharff, 2019, p. 120).

<sup>21</sup> No trecho original em inglês: “Indeed, such expressions as ‘realm of understanding’ and ‘comprehensible’ do not belong to the vocabulary of logic, for they refer to the psychological or pragmatic aspects of explanation” (Hempel, 1965, p. 413).

<sup>22</sup> No trecho original em inglês: “In Hempel’s logical-empiricist view, the aim of philosophy of science is to give an account of the objective nature of science by means of logical analysis of its concepts. Its psychological and pragmatic aspects may be of interest to historians, sociologists, and psychologists of science (in short, to those

O *cri de guerre* da investida lógico-empirista contra a tentativa de secessão científica das ciências humanas pode ser encontrado no artigo *The Function of General Laws in the History*, de autoria de Hempel e publicado em 1942. O desafio certamente representava uma escalada, já que era a própria Clio, a padroeira das *Geisteswissenschaften*, que se convertia em alvo – seus domínios já não ofereciam abrigo, mas campo de mesmíssima aplicação: o modelo de explicação dedutivo-nomológico, delineado por Hempel no corpo do referido artigo, encobriria *todas* as formas de explicação científica. Não se trata de fato desprovido de ironia própria que a “explicação tivesse de ser apresentada em conexão com o assunto para o qual, obviamente, a teoria é a menos adequada, ou seja, a história” (Von Wright, 1971, p. 10-11, tradução nossa<sup>23</sup>).

O modelo proposto por Hempel estabelecia que “um fenômeno é explicado por sua subsunção a uma lei geral [...] a explicação contém, portanto (como *explanans*), a estatuição das condições iniciais e da(s) lei(s) relevante(s), de modo que o fenômeno a ser explicado (o *explanandum*) daí decorre dedutivamente” (Uebel, 2010, p. 297, tradução nossa<sup>24</sup>). A *compreensão*, por Hempel aqui referida como “compreensão empática”, “pode, às vezes, ser útil em termos heurísticos, mas não garante a solidez da explicação histórica à qual ela conduz” (Hempel, 1965, p. 239). No entanto, deve-se levar em conta a sua inserção num longo processo movido pelo homem a fim de haver-se com a perplexidade do desconhecido. É imperioso acompanhar aqui Hempel:

Que o homem sempre e persistentemente preocupou-se em compreender a enorme diversidade das ocorrências no mundo que o envolvia, deixando-o muitas vezes perplexo e não raro amedrontado, prova-o a multiplicidade de mitos e metáforas que imaginou para justificar a existência mesma do mundo e de si próprio, a vida e a morte, os movimentos dos astros, a sucessão regular do dia e da noite, as cambiantes estações, a chuva e o bom tempo, o relâmpago e o trovão. Algumas dessas explicações se baseavam em concepções antropomórficas das forças da natureza, outras apelavam para poderes ou agentes invisíveis, quando não invocavam o

---

who study the phenomenon of science empirically) but should be ignored by philosophers. [...] The hallmark of scientific knowledge is, in Hempel’s view, its objective nature, and philosophers of science should therefore try to give an objectivist account of science, and of scientific explanation in particular – and therefore they should ignore pragmatic aspects such as understanding and intelligibility” (De Regt, 2009, p. 22-23).

<sup>23</sup> No trecho original em inglês: “In retrospect, it seems almost an irony of fate that the fullest and most lucid formulation of the positivist theory of explanation should have been stated in connection with the subject matter for which, obviously, the theory is least suited, *viz.* history. But it is probably chiefly for that very reason that Hempel’s paper has provoked such an immense amount of discussion and controversy” (Von Wright, 1971, p. 10-11).

<sup>24</sup> No trecho original em inglês: “The basic idea of the DN model is that a phenomenon is explained by its subsumption under a general law (thus also the expression ‘covering law explanation’). The explanation thus contains (as *explanans*) a statement of initial conditions and of the relevant law(s) such that the phenomenon to be explained (the *explanandum*) follows deductively from it” (Uebel, 2010, p. 297).

destino ou os inescrutáveis desígnios de um Deus. E é inegável que davam a quem as aceitava o sentimento de uma compreensão, porque lhe aplacava a perplexidade; neste sentido eram “respostas” às perguntas formuladas. Mas por mais satisfatórias que o fossem psicologicamente, não eram adequadas à finalidade da ciência que é, em suma, a de desenvolver uma concepção do universo apoiada clara e logicamente em nossa experiência e portanto apta a uma verificação objetiva. As explicações científicas devem, por essa razão, satisfazer a dois requisitos, que chamaremos o requisito da relevância explanatória e o requisito da verificabilidade (Hempel, 1974, p. 65-66)<sup>25</sup>.

O modelo hempeliano<sup>26</sup> de explicação científica baseou-se na “clara convicção de que todas as explicações poderiam ser caracterizadas como um argumento que afirma que o fenômeno a ser explicado decorre dedutivamente de algumas leis gerais” (Faye, 2014, p. 114, tradução nossa<sup>27</sup>). A concepção dedutivo-nomológica da explicação desenvolvida por Hempel permitiu pensar a ciência enquanto prática explanatória purificada de resquícios metafísicos. Ao mesmo tempo, a empreitada hempeliana trouxe por consequência a desvalorização epistêmica da compreensão, que prontamente se viu relegada a papel auxiliar e de menor monta: passou a ser entendida meramente como instrumento heurístico (Stueber, 2012). A *Verstehen* seria, quando muito, um *auxiliar* do genuíno trabalho científico de explicação nomológica – no pior dos casos, um sentimento subjetivo irrelevante para a ciência e, enquanto tal, desprovido de importância epistêmica.

<sup>25</sup> No trecho original em inglês: “That man has long and persistently been concerned to achieve some understanding of the enormously diverse, often perplexing, and sometimes threatening occurrences in the world around him is shown by the manifold myths and metaphors he has devised in an effort to account for the very existence of the world and of himself, for life and death, for the motions of the heavenly bodies, for the regular sequence of day and night, for the changing seasons, for thunder and lightning, sunshine and rain. Some of these explanatory ideas are based on anthropomorphic conceptions of the forces of nature, other invoke hidden powers or agents, still others refer to God’s inscrutable plans or to fate. Accounts of this kind undeniably may give the questioner a sense of having attained some understanding; they may resolve his perplexity and in this sense ‘answer’ his question. But however satisfactory these answers may be psychologically, they are not adequate for the purposes of science, which, after all, is concerned to develop a conception of the world that has a clear, logical bearing on our experience and is thus capable of objective test. Scientific explanations must, for this reason, meet two systematic requirements, which will be called the requirement of explanatory relevance and the requirement of testability” (Hempel, 1966, p. 47-48).

<sup>26</sup> Vale reter o que nos indica Faye: “As principais características da teoria de Hempel podem ser resumidas em alguns pontos: (1) as explicações científicas são respostas a perguntas sobre o porquê; (2) as explicações científicas são argumentos que demonstram que o acontecimento que está a ser explicado era racionalmente esperado; (3) as explicações científicas incluem o acontecimento a ser explicado nas leis da natureza; e (4) não há diferença lógica ou estrutural entre explicações e previsões” (Faye, 2014, p. 124, tradução nossa). No trecho original em inglês: “The main features of Hempel’s theory can be summarized in a few points: (1) Scientific explanations are answers to why-questions; (2) scientific explanations are arguments to the effect that the event being explained was to be rationally expected; (3) scientific explanations subsume the event to be explained under laws of nature; and (4) there is no logical or structural difference between explanations and predictions” (Faye, 2014, p. 124).

<sup>27</sup> No trecho original em inglês: “For instance, Hempel’s model of explanation in science was based on clear conviction that all explanations could be characterized as an argument which states that the phenomenon to be explained follows deductively from some general laws” (Faye, 2014, p. 114).



Sua abordagem foi determinada por sua concepção positivista de conhecimento: com exceção de questões de lógica pura (e matemática), não há conhecimento, exceto aquele fornecido por explicações científicas e pelas observações e teorias necessárias para essas explicações. Como um bom empirista, ele reduziu o conhecimento causal ao que poderia ser expresso em termos de regularidades empíricas, o que pode elucidar por que ele esperava reduzir a explicação a uma relação lógica entre proposições. Além disso, Hempel era forte no uso do modelo dedutivo-nomológico univocamente, tanto fora quanto dentro das ciências naturais, devido ao contexto da controvérsia *verstehen* sobre as ciências sociais, que os positivistas queriam combater. Deve-se entender sua abordagem sob essa luz (Faye, 2014, p. 125-126, tradução nossa<sup>28</sup>).

A crítica lançada por Theodore F. Abel também é incisiva em pontuar a *ausência de cientificidade* da *Verstehen*. A seu ver, ela não reunia os atributos fundamentais do método científico e, por conseguinte, seria inútil tentar empregá-la para validar a hipótese da existência de uma dicotomia entre as ciências: ela teria, inevitavelmente, de confinar-se ao já mencionado papel *auxiliar* na formulação de hipóteses, que seriam então estabelecidas e verificadas por intermédio de testes de caráter objetivo, experimental e estatístico (Abel, 1976).

É um juízo que persiste ainda hoje, com ecos e defensores resolutos. Kareem Khalifa (2012, 2017), por exemplo, dirá que as tentativas de ressuscitar a compreensão enquanto uma noção fulcral à filosofia desaguaram unicamente na repaginação de modelos já existentes de explicação: a compreensão poderia, assim, ser resumida unicamente ao conhecimento da explicação correta. Ou seja, “a nova literatura sobre a compreensão pode ser substituída por sua contraparte mais venerável, a explicação científica, sem prejuízo” (Khalifa, 2012, p. 33-34, tradução nossa<sup>29</sup>).

### 3 UM PONTO ASSENTADO OU UMA POLÊMICA CONTÍNUA?

Compreensão e explicação parecem, portanto, inevitável e perpetuamente contrapostas – ainda que a “vantagem” penda notavelmente em favor da última, malgrado os esforços de pioneiros e pósteros das ciências humanas e o ressurgimento de debates e discussões acerca

---

<sup>28</sup> No trecho original em inglês: “His approach was determined by his positivistic conception of knowledge: except for matters of pure logic (and mathematics), there is no knowledge except that provided by scientific explanations and the observations and theories required for those explanations. As a good empiricist, he reduced causal knowledge to what could be expressed in terms of empirical regularities, which may elucidate why he hoped to reduce explanation to a logical relation between propositions. Also Hempel was strong on the use of the deductive-nomological model univocally outside as well as inside the natural sciences because of the background of the *verstehen*-controversy over the social sciences, which positivists wanted to combat. One should understand his approach in this light” (Faye, 2014, p. 125-126).

<sup>29</sup> No trecho original em inglês: “We have argued that the new literature on understanding can be replaced by its more venerable counterpart, the explanation scholarship, without loss” (Khalifa, 2012, p. 33-34).

de sua viabilidade e necessidade. Até porque, segundo Grimm (2016), poucos são os contemporâneos engajados na defesa de uma especificidade da compreensão, isto é, adeptos de uma perspectiva não naturalista ou simplesmente humanista: quase todas as referências se concentram na lavra de pensadores não naturalistas entre as décadas de 1950 e 1970 – Clifford Geertz, Charles Taylor, Peter Winch, por exemplo (Grimm, 2016, p. 210). No entanto, é de igual modo importante reconhecer que os recentes esforços em revitalizar os debates a respeito da compreensão, dentro e fora dos “limites” da polêmica aqui brevemente esquadrihada, suscitaram discussões filosóficas interessantes – e, claro, não consensuais. Assim sendo,

Dado o fato de que o amplo interesse filosófico na compreensão é apenas relativamente recente, não é de surpreender que as respostas a essas perguntas ainda sejam controversas. Um maior progresso pode exigir não apenas um intercâmbio mais profundo entre epistemólogos e filósofos da ciência, mas também a colaboração com filósofos de outras disciplinas, por exemplo, filosofia da mente e filosofia da linguagem (Baumberger; Beisbart; Brun, 2017, p. 27-28, tradução nossa<sup>30</sup>).

O ressurgimento dos debates em torno do valor da compreensão também para as ciências naturais parece, de igual maneira, indicar que uma reconsideração da validade ou não do contraste entre compreensão e explicação ainda encontra viva acolhida – ou seja, acerca da própria possibilidade de sustentação da polêmica aqui estudada e da “muralha” metodológica por ela alicerçada. O resultado parece apontar, em verdade, para a necessidade de uma nova maneira de conceber e definir a compreensão – isto é, no caso de ainda almejar-se uma diferenciação metodológica entre as ciências humanas e naturais (Stueber, 2012). Isso é cristalinamente pontuado por De Regt, Leonelli e Eigner (2009, p. 4, tradução nossa<sup>31</sup>):

Por um lado, a compreensão também desempenha um papel nas ciências naturais. Por outro, a compreensão proporcionada pelas ciências sociais e humanas pode ser o produto de atividades explicativas. É claro que pode ser que as condições para

<sup>30</sup> No trecho original em inglês: “Given the fact that the broad philosophical interest in understanding is only fairly recent, it should not come as a surprise that answers to these questions are still controversial. Further progress may require not only a deeper exchange between epistemologists and philosophers of science, but also the collaboration with philosophers from other disciplines, for example, philosophy of mind and philosophy of language” (Baumberger; Beisbart; Brun, 2017, p. 27-28).

<sup>31</sup> No trecho original em inglês: “On the one hand, understanding plays a role in the natural sciences, too. On the other hand, the understanding provided in the social sciences and humanities may be the product of explanatory activities. Of course, it might be that the conditions for achieving understanding are fundamentally different among the various sciences; this is just one example of the contextuality of scientific understanding. This contextuality implies, in turn, that it is difficult, if not impossible, to give a universal definition of (the essence of) scientific understanding” (De Regt; Leonelli; Eigner, 2009, p. 4).

alcançar a compreensão sejam fundamentalmente diferentes entre as várias ciências; esse é apenas um exemplo da contextualidade da compreensão científica. Essa contextualidade implica, por sua vez, que é difícil, se não impossível, dar uma definição universal de (a essência da) compreensão científica.

Uma interdependência, portanto, pois o mesmo vale à *verstehen* e às suas eventuais intenções exclusivistas: “a *verstehen* pode ser um elemento necessário nas ciências sociais, mas não é suficiente por si só” (Fay, 2017, p. 38, tradução nossa<sup>32</sup>). Talvez o único encerramento possível (precário e sumário, tal como o todo destas linhas) seja o aceno, ainda que ingênuo, a um indispensável diálogo metodológico. Pois é certo que o debate não se encontra assentado.

## CONCLUSÃO

A discussão a respeito das diferenças e proximidades entre compreender e explicar permanece, pois, viva – ainda que a níveis de intensidade e fecundidade variados. Das origens oitocentistas às repaginações contemporâneas, a sua presença sinaliza, acima de tudo, um persistente interesse a respeito da existência ou não de particularidades das ciências, especialmente as humanas e naturais, e dos métodos que as estruturam.

Busquei privilegiar em minhas parcas linhas as contribuições de dois nomes: Dilthey e Hempel. Assim procedi, mesmo que ciente dos riscos, em virtude da ressonância e abrangência de suas contribuições à estruturação da “polêmica” – tanto em termos de léxico como de tomada de posições. Não parece desarrazoado, de todo modo, sublinhar aqui o valor eminentemente heurístico, de vivo interesse filosófico, que uma tal aproximação possibilita. A possibilidade de uma imersão em seus pensamentos e escritos constitui, inegavelmente, um desafio e um convite.

Compreender e explicar, portanto, foram sempre concebidas em termos de oposição – juízo sumário que talvez, como tentei timidamente assinalar ao final, já não mais colha louvores unilaterais e mesmo enfrente oposições plurais cada vez mais intensas. Seria interessante acompanhar com detença tais iniciativas e seus desdobramentos, num esforço sempre necessário de oposição à esterilidade dos unilateralismos.

---

<sup>32</sup> No trecho original em inglês: “*Verstehen* may be a necessary element in the social sciences, but it is not sufficient in itself” (Fay, 2017, p. 38).

## REFERÊNCIAS

- ABEL, Theodore F. The operation called *Verstehen*. In: MCCARTHY, T; DALLMAYR, F. (ed.). **Understanding and social inquiry**. Indiana: University of Notre Dame Press, 1976, p. 81-92.
- APEL, Karl-Otto. **Analytic philosophy of language and the Geisteswissenschaften**. Berlin: Springer Science; Business Media, B.V, 1967.
- APEL, Karl-Otto. **Understanding and explanation**. Cambridge, Massachusetts, and London: The MIT Press, 1984.
- BAUMBERGER, Christoph; BEISBART, Claus; BRUN, Georg. What is understanding? An overview of recent debates in epistemology and philosophy of science. In: GRIMM, Stephen R.; BAUMBERGER, Christoph; AMMON, Sabine. (Eds.). **Explaining understanding: new perspectives from epistemology and philosophy of science**. New York and London: Routledge, 2017. p. 1-34.
- BEISER, Frederick C. **The german historicist tradition**. Oxford, Oxford University Press: 2011.
- BRAVER, Lee. Dilthey and Wittgenstein: Understanding understanding. In: NELSON, Eric S. (ed.). **Interpreting Dilthey: critical essays**. New York: Cambridge University Press, 2019. p. 235-251.
- COLLINGWOOD, R. G. **The idea of history**. Oxford University Press: Oxford, 1946.
- DAVIDSON, Donald. Actions, reasons, and causes. In: DAVIDSON, Donald. **Essays on actions and events**. Clarendon: Oxford, 1980. p. 3-19.
- DE REGT, Henk W. Understanding and Scientific Explanation. In: DE REGT, Henk W; LEONELLI, Sabina; EIGNER, Kai. **Scientific understanding: philosophical perspectives**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2009. p. 21-42.
- DE REGT, Henk W; LEONELLI, Sabina; EIGNER, Kai. Focusing on scientific understanding. In: DE REGT, Henk W; LEONELLI, Sabina; EIGNER, Kai. **Scientific understanding: philosophical perspectives**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2009. p. 1-17.
- DILTHEY, Wilhelm. **Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften**. 3rd Edition. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.
- DILTHEY, Wilhelm. Ideas concerning a descriptive and analytic psychology. In: DILTHEY, Wilhelm. **Descriptive psychology and historical understanding**. The Hague: MartinusNijhoff, 1977. p. 21-120.
- DILTHEY, Wilhelm. **Introduction to the human sciences**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1989.

DILTHEY, Wilhelm. The Construction of the Historical World in the Human Studies. *In*: DILTHEY, Wilhelm. **Selected writings**. Edited, translated and introduced by H. P. Rickman. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DRAY, William. **Laws and explanation in history**. Oxford University Press: London, 1957.

DROYSEN, Johann Gustav. **Grundriss der Historik**. Leipzig: Veit, 1868.

DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de teoria da história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FAY, Brian. *Verstehen* and the reaction against positivism. *In*: MCINTYRE, Lee; ROSENBERG, Alex. (eds.). **The Routledge Companion to Philosophy of Social Science**. New York and London: Routledge, 2017. p. 29-41.

FAYE, Jan. **The nature of scientific thinking**: on interpretation, explanation, and understanding. London: Palgrave Macmillan, 2014.

FEEST, Uljana. Historical Perspectives on Erklären and Verstehen: Introduction, *In*: FEEST, Uljana (ed.). **Historical perspectives on Erklären and Verstehen**. Dordrecht: Springer, 2010. p. 1-15.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2011.

GRIMM, Stephen. How Understanding People Differs from Understanding the Natural World. **Philosophical Issues** (*Noûs* supplement), 26, 2016, p. 209-225.

GRIMM, Stephen R.; BAUMBERGER, Christoph; AMMON, Sabine (eds.). **Explaining understanding**: new perspectives from epistemology and philosophy of science. New York and London: Routledge, 2017.

GRONDIN, Jean. **Introduction to philosophical hermeneutics**. New Haven: Yale University, 1994.

HEMPEL, Carl G. The Function of General Laws in the History. *In*: HEMPEL, Carl G. **Aspects of scientific explanation and other essays**. New York: The Free Press; London: Collier-Macmillan Limited, 1965.

HEMPEL, Carl G. **Filosofia da ciência natural**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

KHALIFA, Kareem. Inaugurating understanding or repackaging explanation? **Philosophy of Science**, 79(1), p. 15-37, 2012.

KHALIFA, Kareem. **Understanding, explanation, and scientific knowledge**. New York: Cambridge University Press, 2017.

KÖGLER, Hans Herbert; STUEBER, Karsten R. Introduction: empathy, simulation, and interpretation in the philosophy of social science. *In*: KÖGLER, Hans Herbert; STUEBER,

Karsten R. (ed.). **Empathy and agency**: the problem of understanding in the human sciences, 2000. p. 1-62.

MAKKREEL, Rudolf A. **Dilthey**: philosopher of the human studies. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1975.

NELSON, Eric S. (ed.). **Interpreting Dilthey**: critical essays. New York: Cambridge University Press, 2019.

OUTHWAITE, William. **Understanding social life**: the method called *Verstehen*. London: George Allen & Unwin Ltd, 1975.

RUDNER, Richard. **Filosofia da ciência social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

SCHARFF, Robert C. More than One “Kind” of Science? Implications of Dilthey’s Hermeneutics for Science Studies. *In*: NELSON, Eric S. (ed.). **Interpreting Dilthey**: critical essays. New York: Cambridge University Press, 2019. p. 120-143.

STUEBER, Karsten R. Understanding versus explanation? How to think about the distinction between the human and the natural Sciences. **Inquiry** 55, p. 17-32, 2012.

TAYLOR, Charles. Interpretation and the sciences of man. *In*: **Philosophy and the human sciences**: Philosophical Papers 2. Cambridge University Press: Cambridge, 1985. p. 15-57.

UEBEL, Thomas. Opposition to ‘*Verstehen*’ in orthodox logical empiricism. *In*: FEEST, Uljana. (Ed.). **Historical Perspectives on Erklären and Verstehen**. Dordrecht: Springer, 2010. p. 291-310.

UEBEL, Thomas. The development of logical empiricism. *In*: MCINTYRE, Lee; ROSENBERG, Alex. (eds.). **The Routledge Companion to Philosophy of Social Science**. New York and London: Routledge, 2017. p. 41-54.

VON WRIGHT, Georg. **Explanation and understanding**. London: Routledge & Kegan Paul, 1971.

WINCH, Peter. Understanding a primitive society. **Am Philos Quart** 1(4), p. 307-324, 1964.

ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus. Recovering Understanding. *In*: STEUP, Matthias (ed.). **Knowledge, Truth, and Duty**: Essays on Epistemic Justification, Responsibility, and Virtue, New York: Oxford University Press, 2001. p. 235-252.